

02

Miguel Rodríguez Carnota,
Lingua, poder e adolescencia,
Vigo, Xerais, 2022, 360 páginas.

Natalia Cea Rodríguez
Universidade da Coruña

Orcid 0009-0000-0592-4649. natalia.cea@udc.gal. Universidade da Coruña. España.

A investigação comprometida com a justiça social não só amplia os limites do dizível, mas também permite intervir criticamente na realidade que habitamos. Habitar a língua própria é, em muitos casos, um exercício delicado de afirmação. Nem sempre é possível fazê-lo plenamente, sem fraturas, sem deslocamentos. Estar no mundo sem renunciar à língua que nos constitui – e à cultura que nela se enraíza – implica, em determinadas circunstâncias, resistir a formas subtils e persistentes de não legitimização e violência. A experiência linguística, longe de ser neutra, inscreve-se nas relações de poder que moldam o espaço público e determinam o que pode ou não ser dito, reconhecido e vivenciado.

Estar no mundo sem renunciar – ou ser forçado a renunciar – à língua que nos funda e à cultura que a atravessa é hoje, uma realidade mesmo estranha. Em contextos marcados por assimetrias históricas no reconhecimento das línguas minoradas, em determinados territórios com longa tradição cultural própria e uma história persistente de opressão estatal – falemos da Galiza – a escolha de permanecer na língua do país pode converter-se num gesto político e ponto de inflexão vital no processo de construção identitária de uma pessoa. Então, habitar a língua própria passa a ser também, frequentemente, um ato de negociação entre pertencimento e resistência. Um ajuste entre proteger o *eu* dentro do *nós*, apresentando a identidade como explicação do interno no seu enlace com o contexto.

Miguel Rodríguez Carnota é um semeador de palavras e consciência, cuja trajetória entrelaça a paixão pela língua galega com o compromisso profundo com a pedagogia crítica. Mestre por vocação formada e investigador por necessidade ética, dedicou décadas da sua vida a escutar aquelas vozes habitualmente relegadas às margens nos centros educativos, sobretudo as da adolescência, uma época convulsa em que identidade e língua se encontram em permanente discussão. O professor Carnota conjuga neste trabalho o conhecimento empírico acumulado em décadas de atuação no sistema educativo galego com uma perspetiva teórica enraizada em autores como Bourdieu (p. 49, por exemplo).

Lingua, poder e adolescencia nasce da experiência docente e da reflexão partilhada com o alunado. O autor observa em conversas com as informantes, através da narrativa delas, que a linguagem não é apenas um instrumento de comunicação (p. 44) e recolhe experiências reais que evidenciam a linguagem como meio de poder em que os diferentes falares são avaliados, legitimados ou desvalorizados segundo as estruturas sociais de dominação. Neste cenário, a experiência de falar e viver numa língua subalternizada, como é a língua galega, exige muitas vezes o esforço constante de afirmar a sua legitimidade frente a formas diversas de violência simbólica.

O professor Carnota atua desde a preocupação ante uma situação de injustiça, que, longe de mudar, avança (e avança) sem limitações. Na sua escrita, procura devolver dignidade às falas marginais, desafiando as lógicas de exclusão desde o momento mesmo em que escolhe a metodologia concreta que levará a cabo durante o projeto. Com um olhar afinado e uma escuta atenta, faz da investigação um ato de justiça linguística e da língua um território de estima, resistência e futuro.

A obra parte, pois, do reconhecimento de que a escola não é um espaço neutro, mas uma instância decisiva na reprodução das ideologias linguísticas dominantes. A língua galega consagra-se subsidiária do espanhol quando a legalidade faz obrigatório saber espanhol, mas somente conhecer o galego. É evidente para onde se move a diretriz do poder, mas onde este circula é impossível não topar resistências. É assim que as galego-falantes vivem, por imperativo legal, em contínua posição de luta. Só ter de explicar por que falar galego é mesmo um insulto a toda a história de um povo, uma ofensa à inteligência, liberdade e direito individual de existir, de ser desde as raízes de seu berço. Ao dar voz à juventude, evidencia-se como a língua, ainda que reconhecida oficialmente, continua a ser percebida em muitos contextos como língua de menor prestígio, associada à ruralidade (como algo negativo) ou à infância (subestimação da inteligência).

Lingua, poder e adolescencia não é apenas um título. É reflexo de uma sociedade por vezes esquecida e condenada ao silêncio, é a transcrição da dor experimentada ante a muda linguística obrigada, é, como a investigação qualitativa em palavras do autor, “pura vida” (p. 20). Corresponde, ainda, a uma contribuição sólida e profundamente pertinente para o campo da sociolinguística crítica, com especial foco no papel da escola como espaço de reprodução, negociação e resistência ao poder. A partir de uma metodologia qualitativa centrada em histórias de vida de dez adolescentes galegas, o autor analisa de forma rigorosa e sensível os modos como a língua se torna vetor de construção identitária e campo de disputa no contexto escolar.

Carnota denuncia, com lucidez, os mecanismos de exclusão que atravessam o espaço educativo. Trata-se de uma leitura incontornável para quem desejar compreender, e transformar, a relação entre língua, identidade, escola, sociedade e poder no século XXI. Embora dirigida sobretudo a académicos e profissionais da educação, *Lingua, poder e adolescencia* pode também interessar a um público mais vasto, nomeadamente famílias, ativistas e decisores políticos, já que constitui um recurso valioso não apenas para compreender a realidade sociolinguística da Galiza, mas também para repensar criticamente os processos de ensino-aprendizagem da língua em contextos marcados pela hegemonia e pela desigualdade.

A obra em análise foi publicada pela editora Xerais no ano de 2022. Mas o autor mostra referentes claras quanto a método e tema escolhido, e reconhece, reiteradamente, a sua necessária mentoria no seu trabalho – sobretudo de vozes femininas, habitualmente caladas no discurso pedagógico hegemonic. Valentina Formoso, que publica *Do estigma á estima* (2013) – estudo em que, para além de responder à questão de porquê trinta anos depois da Lei de normalização linguística se continuam a escutar afirmações negativas para a língua, mesmo falando-a –, também oferece algumas alternativas com o objetivo de contribuir para a muda (ver p. 265, por exemplo). Doze anos depois, a sociedade galega mostra-se em grave emergência linguística e *Lingua poder e adolescencia* converte-se num aço de luz que convida à reflexão, e sem dúvida alguma, à ação. E é que as pessoas recebem o impacto do poder, mas também são encarregadas de o fazerem circular (Foucault, 1979) (ver p. 42, por exemplo).

A estrutura da obra reflete tanto o rigor académico quanto a vocação crítica do autor. Com o foco na análise de discursos de adolescentes galego-falantes num instituto de ensino secundário da Galiza, a pessoa leitora encontrará um percurso bem delimitado que vai do enquadramento teórico e metodológico até à análise detalhada das entrevistas, culminando em reflexões que ultrapassam o caso galego e que se inscrevem num debate mais amplo sobre as línguas menorizadas, os direitos linguísticos e a justiça educativa, linguística e social.

A introdução (pp. 9-15) fornece o enquadramento geral da problemática: a substituição da língua galega e a perpetuação de ideologias linguísticas hegemonic que favorecem o espanhol, com mais peso na infância e adolescência. Aqui, Carnota questiona o modelo institucional do bilinguismo harmónico, revelando-o como uma ficção que oculta as desigualdades reais entre as línguas em contacto.

Os capítulos centrais (pp. 19-260) concentram-se na análise detalhada – inserida na tradição da análise crítica do discurso com influências de autores como Norman Fairclough (2001) (ver p. 47) – das entrevistas realizadas. As vozes recolhidas ocupam o lugar central no livro, sendo apresentadas com muito cuidado e sensibilidade. É através daquelas narrativas que se mostra como o poder simbólico atua nas práticas linguísticas quotidianas: o galego é frequentemente associado à falta de prestígio, o que leva a juventude a marginalizá-lo espaço escolar e nas relações de pares. Contudo, também são identificados espaços de agência e resistência, nos quais se reconfigura a sua identidade linguística e se desafiam normas estabelecidas.

Esta secção estrutura-se em três blocos. O primeiro (pp. 17-53) apresenta em detalhe o enquadramento metodológico e o desenvolvimento da investigação. Aqui, o autor detém-se na fundamentação teórica do estudo, descrevendo com clareza o processo de recolha de dados e as opções éticas e epistemológicas que o orientam. Destaca a preocupação em construir uma investigação participativa e próxima e em evitar abordagens hierárquicas entre investigador e participantes, um posicionamento coerente com a perspetiva crítica e socio-lingüística que atravessa toda a obra.

O segundo (pp. 55-206) expõe e discute os principais dados obtidos. As experiências e percepções das participantes, a complexa relação entre língua, identidade e pertença social, os discursos de insegurança e marginalização associados ao galego como as tensões que emergem quando os jovens procuram conciliar o uso dessa língua com as exigências de prestígio e integração.

O terceiro (pp. 207-324) procede a uma análise discursiva aprofundada, na qual se exploram os significados sociais e ideológicos das práticas linguísticas observadas. Nestas linhas, demonstra-se como o discurso quotidiano reproduz, mas também questiona, estruturas de dominação linguística. Isto permite captar a complexidade dos posicionamentos identitários das informantes com a língua, muitas vezes marcados por sentimentos ambivalentes de pertencimento ou repulsão, e compreender o modo em que se posicionam perante eles.

Por fim, os capítulos finais (pp. 263-324) propõem uma reflexão crítica sobre as políticas linguísticas e educativas na Galiza, defendendo a necessidade de um compromisso real com a normalização do galego, que passe por empoderar a juventude e por revalorizar socialmente a língua. Remata acrescentando um derradeiro bloco significativamente propositivo intitulado “Que fazer?” (pp. 299-324), no qual propõe uma reflexão sobre as possibilidades de transformação pedagógica, social e linguística. Um texto que, longe de se limitar a um diagnóstico crítico, abre caminho de ação, infundindo um otimismo informado (ver pp. 301-302), prudente, mas comprometido com a mudança. Esta secção articula-se como um convite à responsabilidade coletiva: educadoras, famílias, instituições e comunidade em geral são chamadas a reconhecerem o valor da língua galega, a fomentar em contextos de uso real e positivo entre as gerações mais novas. Ao passo, insiste na necessidade de repensar as práticas educativas e comunicativas à luz de uma ética do respeito e da diversidade, superando as lógicas de interiorização simbólica que ainda condicionam o espaço público.

A esperança que percorre estas páginas não é ingénua, mas nasce da observação empírica de múltiplas formas de resistência cultural. Ao evidenciar esses gestos quotidianos de afirmação, o autor demonstra que o futuro da língua não depende apenas de políticas institucionais, mas também da capacidade de cada pessoa para reconfigurar a sua própria relação com o idioma.

Além da crónica, este é muito mais que um ensaio académico: é um ato de escuta, um gesto político. Uma imersão nas profundidades de um instituto, não para emitir diagnósticos distantes, mas para deixar gritar as vozes que, no espaço educativo, estão a lutar pelo direito a nomear-se e a serem nomeadas. Através da investigação (ampliada na sua tese de doutoramento da qual nasce o livro aqui comentado), apoiada na ética da proximidade e na narrativa das histórias de vida, reconstrói com sensibilidade as tensões que influem a experiência linguística da mocidade: a pressão do espanhol como língua hegemônica, a vivência da língua galega como sinal de estigma, e a dor – silenciosa e que às vezes avergonha – de habitar uma língua que se ama, mas de que também se foge por obrigação, por medo, por se estabelecer dentro do grupo sem julgamentos ou preconceitos. Linha trás linha, mostra-se o domínio das ferramentas teóricas da sociolinguística crítica e da pedagogia emancipadora, mas é na delicadeza com a que se tratam os relatos recolhidos onde a obra consegue a sua maior força. Não se impõem interpretações, mas gera sentido junto com as dez pessoas entrevistadas, abrindo um espaço para pensarmos coletivamente como o poder se infiltra nas práticas linguísticas e como a escola pode ser tanto lugar de opressão como de intransigência e vigor.

Num contexto em que a língua galega luta pela sua sobrevivência, este livro é um grito calmo, mas firme, pela justiça social e linguística. Um alto-falante quanto à reclamação dos direitos que estão a ser vulnerados de jeito violento e pouco dissimulado por aquelas instituições que, na teoria, deveriam cuidá-los. Contudo, o autor não recepta, ele propõe perguntas urgentes convidando as leitoras a participarem da transformação: mais investigação, mais diálogo. Que língua é legítima? Quem decide que falar e como? Que papel deve jogar a escola na formação de sujeitos linguísticos livres?

A investigação de Miguel R. Carnota enriquece o campo intelectual e social galego, ao tempo que convida a repensar a nossa maneira de nos relacionarmos com a cultura que nos faz ser. É um exercício de escritura que honra a palavra como lugar de encontro, dignidade e futuro. Nas suas linhas, o autor não esquece as tensões entre normatividade linguística, identidades juvenis e poder institucional, nem o poder analisado desde a sua dupla dimensionalidade, e mesmo assim é capaz de criar espaços para uma língua plural, viva e conetada com as realidades dos corpos e vozes novas.

Há momentos em que a sua leitura ressoa como um poema soterrado sob o rigor da análise. Escutamos com o ouvido da ciência, mas também com o coração de quem vive e percebe o silêncio, o esforço de se nomear numa língua constantemente colocada à prova. *Lingua, poder e adolescencia* não é, então, apenas um contributo teórico-metodológico para a sociolinguística crítica, mas revela-se sem debate como peça essencial da paisagem cultural galega. É este um livro que, tal como a poesia, obriga a escutar melhor, a perguntar mais. A imaginar um futuro em que a língua deixe de ser um obstáculo e se converta, plenamente, em casa.

Como o autor afirma desde o otimismo informado: o futuro nasce cada dia e os processos são reversíveis, o caso é querer (p. 306).

Referências bibliográficas

- Fairclough, Norman (2001). *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Formoso Gosende, Valentina (2013). *Do estigma á estima. Propostas para un novo discurso lingüístico*. Vigo: Xerais.
- Foucault, Michel (1979). *Microfísica del poder*. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta.



<https://revistas.udc.es/index.php/rgf>

Edita

Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña,
co patrocinio de ILLA (Grupo de Investigación Lingüística
e Literaria Galega)

Dirección

Teresa López, Universidade da Coruña (España)
Xosé Manuel Sánchez Rei, Universidade da Coruña (España)

Secretaría

Diego Rivadulla Costa, Universidad de Santiago de Compostela (España)

Consello de Redacción

Ana Bela Simões de Almeida, University of Liverpool (Reino Unido)
Pere Comellas Casanova, Universitat de Barcelona (España)
Iolanda Galanes, Universidade de Vigo (España)
Leticia Eirín García, Universidade da Coruña (España)
Carlinda Fragale Pate Núñez, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Brasil)
Xavier Varela Barreiro, Universidad de Santiago de Compostela (España)
Xaquín Núñez Sabarís, Universidade do Minho (Portugal)

Comité asesor

Ana Acuña, Universidade de Vigo (España)
Olga Castro, University of Warwick (Reino Unido)
Regina Dalcastagnè, Universidade de Brasília (Brasil)
Manuel Fernández Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Roberto Francavilla, Università degli studi di Genova (Italia)
Ana Garrido, Uniwersytet Warszawski (Polonia)
José Luiz Fiorin, Universidade de São Paulo (Brasil)
Xoán Luís López Viñas, Universidade da Coruña (España)
Xoán Carlos Lagares, Universidade Federal Fluminense de Niterói (Brasil)
Sandra Pérez López, Universidade de Brasília (Brasil)
Maria Olinda Rodrigues Santana, Universidade de Trás-Os-Montes
e Alto Douro (Portugal)

Comité científico

Silvia Bermúdez, University of California, Santa Barbara (Estados Unidos)
Evanildo Bechara, Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
Ângela Correia, Universidade de Lisboa (Portugal)
Carme Fernández Pérez-Sanjulián, Universidade da Coruña (España)
Manuel Ferreiro, Universidade da Coruña (España)
Maria Filipowicz, Uniwersytet Jagiellonski (Polonia)
Xosé Ramón Freixeiro Mato, Universidade da Coruña (España)
María Pilar García Negro, Universidade da Coruña (España)
Helena González Fernández, Universidade de Barcelona (España)
Xavier Gómez Guinovart, Universidade de Vigo (España)
Pär Larson, CNR - Opera del Vocabolario Italiano, Florencia (Italia)
Ana Maria Martins, Universidade de Lisboa (Portugal)
Kathleen March, University of Maine (Estados Unidos)
Maria Aldina Marques, Universidade do Minho (Portugal)
Inocência Mata, Universidade de Lisboa (Portugal)
Juan Carlos Moreno Cabrera, Universidad Autónoma de Madrid (España)
Andrés Pociña, Universidade de Granada (España)
Eunice Ribeiro, Universidade do Minho (Portugal)
José Luís Rodríguez, Universidade de Santiago de Compostela (España)
Marta Segarra, CNRS (Francia) / Universitat de Barcelona (España)
Sebastià Serrano, Universitat de Barcelona (España)
Ataliba T. de Castilho, Universidade de São Paulo (Brasil)
Telmo Verdelho, Universidade de Aveiro (Portugal)
Mário Vilela, Universidade do Porto (Portugal)
Roger Wright, University of Liverpool (Reino Unido)

Cadro de honra

Álvaro Porto Dapena (1940-2018), Universidade da Coruña (España)
José Luis Pensado (1924-2000), Universidade de Salamanca (España)
Rafael Lluís Ninoyoles (1943-2019), Conselleria de Educació i Ciencia,
Generalitat Valenciana (España)

